

ENTRE A FACE E O DORSO, A MEMÓRIA QUE LATEJA EM *DENTRO DA NOITE VELOZ* DE FERREIRA GULLAR

Silvana Maria Pantoja dos Santos(UEMA/UESPI)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a representação da memória do sujeito poético da obra *Dentro da Noite Veloz*, do poeta Ferreira Gullar, quanto à experiência do corpo ante os impactos das lembranças. A obra foi escrita em Buenos Aires em 1975, em meio a um período de clandestinidade: o poeta encontrava-se exilado por questões políticas. Gullar dá voz ao corpo, cujo movimento vai em direção ao corpo da linguagem e este, por sua vez, em direção aos espaços de vivência afetiva. Em *Dentro da noite veloz* estão disponíveis imagens que envolvem asperezas, lisuras, cheiros, ruídos, sendo que o princípio dessas sensações reside na alma sensitiva que atribui ao corpo a capacidade de se manifestar. A pesquisa é bibliográfica e tem como aporte teórico a visão de Bachelar (1993), Gaiarsa (2002) e Sarlo (2007). A memória emotiva é perpassada pela percepção, acomodando-se no corpo, bem como, em significados contidos na face das coisas. Consideramos que o olhar memorialístico do sujeito poético gullariano retoma a infância e adolescência e registra no corpo o que percebe, o que deseja e também o que lhe escapa, ele detém os componentes emocionais e memorialísticos por meio de marcas de vida e de morte.

Palavras-chave: Linguagem poética. Corpo. Memória

Introdução

Neste trabalho proponho analisar o processo memorialístico na obra *Dentro da Noite Veloz* (2008), de Ferreira Gullar, a partir da experiência do corpo. Ferreira Gullar, poeta maranhense, prêmio camões de literatura em 2010, escreve esta obra em Buenos Aires, em meio a um período de clandestinidade. Como tantos outros escritores e intelectuais de diferentes áreas, Gullar foi perseguido pelo regime e teve que pedir auxílio político em 1971, percorreu vários países, China, Peru, por último na Argentina. Sentindo-se na eminência de que poderia ser morto a qualquer momento publica, no exílio, duas obras extremamente relevante à sua produção: *Dentro da Noite Veloz* em 1975 e *Poema Sujo* em 1976.

Nessa conjuntura, o engajamento da literatura durante os regimes ditatoriais na América Latina, configurou não apenas uma tendência de escrita, mas sobretudo uma manifestação mais densa: a do confronto do eu consigo mesmo, frente aos impactos da repressão.

Na obra *Dentro da Noite Veloz* Gullar retoma a escrita do lugar de onde se pronuncia: “em pleno coração/de Buenos Aires”, e, a partir de suas impressões volta-se para diferentes abordagens, dentre elas, o espaço urbano com suas tensões e movimentos cotidianos. A exterioridade do olhar do sujeito poético de Gullar é de quem desbrava paisagens a uma certa distância, contemplando o burburinho da cidade, o movimento dos automóveis, numa espécie de presença/ausência, de modo a transparecer uma experiência lírica marcada pelo vazio, já que os espaços percebidos não comportam as marcas de existência do sujeito que se enuncia. O olhar do presente é móvel, são arquivos que nada grava. A voz aponta para um lugar de abandono, que atribui à fala um caráter de desassossego.

Em meio a imagens marcadas por essa visão de fora, o olhar rodopia para a interioridade, sendo o sujeito arremessado a outros espaços, os agora da intimidade, espaços além tempo, cicatrizados na voz, no corpo, na letra. São dias que correm do espaço familiar, do aconchego da casa, do quintal, da sala de jantar, imagens vazando do corpo para o mundo e do mundo para o corpo.

O corpo registra o que percebe, o que deseja e também o que lhe escapa, logo o corpo detém os componentes emocionais e memorialísticos por meio de marcas de vida e morte, de lembranças e esquecimentos. Gullar dá voz ao próprio corpo para falar de si, cuja linguagem vai do corpo físico, em direção ao corpo da linguagem.

Na verdade sem este contexto, não-verbal, sem esta cara e gesto, sem este tom de voz, sem esta situação e personagens, a frase não teria sentido – este sentido. [...]

O que dá sustentação, força e sentido aos pronunciamentos verbais é precisamente a cara, o tom de voz, o gesto e a posição. Tudo isso numa cena, isto é, numa situação. (GAIARSA, 2002 p. 14)

A esfera corporal, ao tempo que registra e processa as experiências, vai comportando também mudanças nesta mesma esfera. São os devires do corpo sobre os caminhos percorridos. Por meio da linguagem poética Gullar assume seu lugar discursivo, pondo em evidência os operadores subjetivos.

Dentro da Noite Veloz: marcas do corpo-memória

Dentro da noite veloz apresenta versos em desalinho, cuja linguagem é repleta de idas e vindas, recuos e avanços, próprios dos percalços da memória. As imagens se justapõem, num movimento intermitente: lembranças próximas e distantes se conjugam. Envoltas por imagens oscilantes, o discurso adquire mobilidade.

Na obra estão disponíveis imagens que envolvem asperezas, lisuras, cheiros, ruídos, sendo que o princípio dessas sensações reside na alma sensitiva, que atribui ao corpo a capacidade de se manifestar. Segundo Hillman, (1993, 41), a memória emotiva é perpassada pela percepção que, por sua vez, acomoda-se no corpo, bem como, em significados contidos nas “faces das coisas”. Entre o corpo e as coisas afetivas que comportam o sentido da existência, não há linha demarcatória, corpo e lembrança são feitos da mesma estufa, fundem-se e confundem-se.

O poema *Memória* apresenta deslocamentos intercambiáveis, favorecendo o religamento do eu a imagens arquetípicas, por meio de múltiplas conexões, tentáculos capazes de suspender o tempo mensurável em prol de um outro, mítico que contempla espaços de acomodação, capazes de abrigar e acolher.

MEMÓRIA

Menino no capinzal

caminha

nesta tarde e em outra
havia

entre capins e mata-pastos
vai, pisa

nas ervas mortas ontem
e vivas hoje

e revividas no clarão da lembrança

e há qualquer coisa azul que o ilumina

e que não vem do céu, e se não vem
do chão, vem

decerto do mar batendo noutra tarde
e no meu corpo agora

- um mar defunto que se acende na carne
como noutras vezes se acende o sabor

de uma fruta
ou a suja luz dos perfumes da vida
ah vida.

(GULLAR, 2008, p. 189)

O eu de hoje ao se colocar frente ao eu de outrora, suscita a metáfora do espelho: a imagem de si sobre o próprio corpo, desvelando significados, o que faz lembrar o espelho lacaniano, em que o eu reflete o mesmo eu, confundindo sujeito e objeto, numa tentativa de reconhecimento de si mesmo.

O corpo, por sua vez, recupera as necessidades afetivas, posto que, ele próprio, é um espaço de sensações. No poema *Memória* o corpo desloca-se, ultrapassa o subitamente visível para atingir o subterrâneo, o subcutâneo. O passado reascendido no “clarão da lembrança”, afasta o presente, afasta as contingências, de modo a acende no corpo, na carne, o mar da claridade da vida, cuja textura e barulho não se confundem com as do mar que o impacta no presente, visto que este não comporta as lembranças do eu.

O olhar depositado sobre a tarde outra, ou seja, a de vivências pretéritas, suga a tarde, ou teria sido a tarde a fisgar o olhar? Não se tem a chave para essa resposta, o que se percebe é que as lembranças, ao atravessarem as retinas do eu poético, estalam no corpo sensação de abandono, visto que o sentido desta tarde, a do passado, é a de um espaço aberto, sugerindo amplitude e liberdade, ao mesmo tempo de cercadura, que o guarda e protege. São lembranças que se intensificam em proporção inversão à imersão na tarde do presente.

PRAIA DO CAJU

[...]

Caminhas no passado e no presente.
aquela porta, o batente da pedra.
o cimento da calçada, até a falha do cimento. Não sabes já
se lembras, se descobres.
E com surpresas vêes o poste, o muro,
a esquina, o gato na janela,
em soluços quase te perguntas
onde está o menino
igual aquele que cruza a rua agora,
franzino assim, moreno assim.

(GULLAR, 2008, p.182/183)

Semelhante ao poema anterior, em *Praia do caju*, o sujeito poético caminha no passado e no presente, sendo que o passado se sobrepõe ao presente. A infância é reascendida, provavelmente a partir da percepção de um menino semelhante à criança que fora. O clarão que acende, recria o cenário de outro tempo, e o homem sente-se menino outra vez: lá está ele, diante da mesma porta, do mesmo poste, do mesmo muro, da mesma esquina. O homem que recorda tem a sensação de ouvir as mesmas vozes, os mesmos risos e os mesmos sons de uma porta familiar, “sombras rumorejantes” que o sujeito arrasta por outras ruas. O exílio passa a ser suportado pela presença das lembranças pulsantes.

No poema a seguir o eu-poético manifesta um certo desânimo diante da impotência da linguagem em reconstruir as lembranças, no entanto persiste a certeza de que o passado reside no corpo.

NO CORPO

De que vale tentar reconstruir com palavras
o que o verão levou
entre nuvens e risos
junto com o jornal velho pelos ares?
O sonho na boca, o incêndio na cama,
o apelo na noite
agora são apenas esta
contração (este clarão)
de maxilar dentro do rosto

A poesia é o presente.
(GULLAR, 2008, p. 216)

Além das sensações, o corpo gera imagens que relampejam, muitas delas impossíveis de vir à superfície. O clarão da lembrança acende, mas apaga-se na dobra de si mesmo, no entanto o movimento do olhar interior persiste em meio a lembranças fluidas “que o verão levou/entre nuvens e risos”, sensações misturadas com desejos, ligados e dependentes do corpo.

A passagem do tempo na poética de Gullar é também medida pelo desgaste das coisas que se processa ao seu modo, em cada uma delas, de acordo com sua resistência: nos jornais velhos; em outros poemas: nas bananas apodrecendo na quitanda, nos garfos oxidando no quintal, em facas cegas, cadeiras furadas, mesas gastas, armários obsoletos, enfim, a própria

usura mostra a surda passagem temporal. Constata-se, com isso, que o tempo arrasta tudo em direção a um grande vácuo, um tempo que vai consumindo tudo de dentro para fora, silenciosamente, como o apodrecer dos jornais.

Por outro lado, há situações em que o tempo parece não transcorrer; em outras, o passado é sentido como uma dor incurável, no entanto não importa se o tempo está perdido, o que vale nesse percurso é o tempo recuperado pelo corpo-memória.

O poema *Ao nível do fogo*, que encerra a obra *Dentro da noite veloz*, curiosamente retoma o passado, antigas lembranças passam a iluminar a casa com seus risos familiares.

AO NÍVEL DO FOGO

falo
E por dentro e por fora me trabalha
 como um sistema de sóis vivos ou mortos
 que irrompem feito relâmpagos
dos olores velhos
Em cujas cinzas dormiam
 ou risos que voltam a iluminar
 a vida, entre bater de talheres e de pratos
Passos na sala e o desamparo
Do coração que é um ramo de flor
 dentro de uma bolsa
 a viajar pela cidade

(GULLAR, 2008, p. 228)

O poema inicia com o verbo deslocado, “falo”, que põe em evidência a voz que se enuncia, anunciando o teor testemunhal sobre o que está por vir, e o que está por vir é a gestação interior, “e por dentro e por fora me trabalha”, o trabalho da memória que se processa e irrompe como relâmpago, lampejo, trazendo à baila imagens de coisas gastas, espessas, que se diluem na brisa do tempo: aromas antigos, cinzas dormentes, sem que tais imagens se dissipem por completo.

Osman Lins (1976) em seus estudos sobre o espaço literário, diz que a atmosfera corresponde a sensações que emanam dos espaços, sensações que vão ao encontro dos sujeitos, por meio de diferentes estímulos, quais sejam visuais, cutâneos, olfativos, auditivas. Assim, as lembranças reconfortantes são os sustentáculos da vida.

Para Beatriz Sarlo (2007, p. 10) “propor-se não lembrar é como se propor a não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convidada”. Em *Dentro da Noite Veloz*, em meio ao revesamento entre lembrar/esquecer, os risos de cenas familiares “voltam a iluminar a vida”: os “olores velhos”, com seus aromas peculiares a perfumar os recintos da casa, a sala de jantar. Os rumores da casa, esfera de ventania, com o bater de talheres e pratos, “passos na sala” a perdurar no tempo, e o coração, parte vital do corpo a latejar e a sangrar como uma ferida, no desampara da vida.

Segundo Bachelar (1993), os espaços familiares adquirem valor quase humano porque comportam todos os afetos de uma vida ainda em gestação. A casa primigênia guarda as recordações da infância, inscritas em raladuras que se fixam em cômodos, assoalhos, objetos. Ao serem tocados pela memória ressoam em estado de latência.

Já encaminhando para a conclusão deste diálogo, vale dizer que é na vastidão do espaço-corpo do sujeito poético da obra *Dentro da Noite Veloz* que tudo se conecta e se imprime, e no qual as coisas encontram o caminho de volta. É no corpo-galáxia do homem exilado de sua própria existência, que vagueia por ruas, esvaziadas de afeto e aconchego, que o sujeito resente as ausências. Mesmo o corpo tendo mudado de forma e de lugar, é nele que concentram-se as marcas do sentido de pertencimento. A identificação está no corpo, na necessidade de encontrar o espaço de recolher-se. Tem-se, então o errante que busca, logo, a memória do sujeito poético é a memória que o espaço o impeliu a lembrar.

Os conteúdos da memória em *Dentro da noite veloz* são reformulados e perpassados por imagens corporais: sensitivas e perceptivas. Das lembranças que perpassam o sujeito lírico emergem imagens reconfortantes. Dessas considerações, podemos dizer que os conteúdos de memória na representação gullariana remetem a acontecimentos pretéritos que, apesar de perpassar velozmente, adquirem sentido de eternidade pela revivência, possível por intermédio da latência do corpo.

Referências

BACHELAR, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GAIARSA, José A. *O que é corpo*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

GULLAR, Ferreira. Dentro da noite veloz. In: _____ *Toda Poesia*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

HILMMAN, James. *Cidade & alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.